

AUTISMOS:

UM ESPECTRO DE POSSIBILIDADES DE EXISTÊNCIAS



MARIA LUIZA KUHNEN KÓS ARAÚJO
LADISLAU RIBEIRO DO NASCIMENTO

AUTISMOS:

UM ESPECTRO DE POSSIBILIDADES DE EXISTÊNCIAS

MARIA LUIZA KUHNEN KÓS ARAÚJO
LADISLAU RIBEIRO DO NASCIMENTO

APOIO:



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Araújo, Maria Luiza Kuhnén Kós

Autismos [livro eletrônico] : um espectro de possibilidades de existências / Maria Luiza Kuhnén Kós Araújo, Ladislau Ribeiro do Nascimento. -- Palmas, TO : Ed. dos Autores, 2023.

PDF

Bibliografia.

ISBN 978-65-00-72834-7

1. Inclusão social 2. TEA (Transtorno do Espectro Autista) 3. Diagnóstico I. Nascimento, Ladislau Ribeiro do.
II. Título.

23-161935

CDD-616.85882

Índices para catálogo sistemático:

1. TEA : Transtorno do Espectro Autista :
Neurodiversidade 616.85882

AUTISMOS:

UM ESPECTRO DE POSSIBILIDADES DE EXISTÊNCIAS

Este material é resultado do projeto de iniciação científica de Maria Luiza Kuhnen Kós Araújo, discente do curso de Psicologia da Universidade Federal do Tocantins, sob orientação do Prof. Dr. Ladislau Ribeiro do Nascimento, com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Brasil (CNPq).

Sumário

DEFINIÇÃO DE AUTISMO.....	04
O DIAGNÓSTICO.....	05
INTERVENÇÕES POSSÍVEIS.....	10
INCLUSÃO.....	11
O CUIDADO E A INTERDEPENDÊNCIA.....	14
O AUTISMO PELOS AUTISTAS.....	16
Alguns jovens autistas que você precisa conhecer.....	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS.....	24

DEFINIÇÃO DE AUTISMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) faz parte dos chamados **Transtornos do Neurodesenvolvimento**, ou seja, um grupo de transtornos que tem seu início na fase do desenvolvimento infantil. Entretanto, é importante considerar que **o autismo não é uma condição específica da infância**, pois há pessoas autistas em todas as fases da vida: infância, adolescência, vida adulta e velhice.

O TEA caracteriza-se por dificuldades persistentes na comunicação social e na interação social em **múltiplos contextos**. Além disso, pode se configurar como prejuízos com intensidades que vão de leve a grave nos domínios de comunicação social e de comportamentos restritivos e repetitivos (APA, 2015).

O DIAGNÓSTICO

O diagnóstico de TEA é muito mais complexo do que se imagina. Requer avaliação a partir da atuação de diversos profissionais especializados. Não há um único teste definitivo para diagnosticar o TEA, e os critérios diagnósticos podem variar de acordo com sistemas de classificação propostos em referências, como o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) e a Classificação Internacional de Transtornos Mentais (CID-11).

Os critérios diagnósticos do TEA são divididos em quatro grandes categorias:

Déficits persistentes em comunicação e interação social.


Presença dos sintomas em idade precoce da vida e em contextos sociais.

Padrões repetitivos e interesses restritos de comportamento e atividades.

Sintomas em conjunto devem limitar a funcionalidade da criança, por exemplo, a funcionalidade acadêmica ou social.

(APA, 2013)

As avaliações diagnósticas podem ser baseadas em observações clínicas, histórico de desenvolvimento e informações fornecidas pelos pais e cuidadores. Além disso, podem incluir testes psicológicos e avaliações neuropsicológicas. É importante saber que o diagnóstico deve ser feito por profissionais capacitados, levando em consideração uma avaliação integral da pessoa.

 Ao falar sobre diagnóstico, devemos evitar a **patologização excessiva** de nossas vidas. Patologizar significa tomar sintomas e hábitos como algo anormal, como uma doença. Na atualidade, tem se tornado cada vez mais recorrente as associações equivocadas entre traços ou comportamentos comuns e manifestações de transtornos. No caso do TEA não tem sido diferente. Precisamos entender que nem sempre as dificuldades enfrentadas por uma pessoa, nos domínios da comunicação e da interação, por exemplo, precisam ser explicadas a partir dos sinais e aspectos do TEA. O ideal é que as pessoas que apresentem traços semelhantes àqueles presentes em pessoas com autismo sejam submetidas a **uma investigação diagnóstica aprofundada**.

Sabemos que muitas pessoas não conseguem ter acesso a um processo de psicodiagnóstico com facilidade devido a barreiras socioeconômicas. Abreu e Chimura (2021) fazem essa reflexão. Mesmo assim, reafirmam que **autodiagnóstico não é o caminho, pois não garante acesso a um cuidado específico e qualificado**. O importante é a comunidade autista se organizar com o objetivo de reivindicar atendimento às demandas, como, por exemplo, o acesso a um atendimento digno para todos.

Essa discussão foi tirada do podcast Introvertendo. Escute o podcast na íntegra:



O autodiagnóstico ocorre quando uma pessoa identifica características do autismo em si mesma, sem a confirmação de um profissional. Como apontado no podcast “Introvertendo: Um podcast onde autistas conversam”, **é comum jovens e adultos fazerem autodiagnósticos**, e os motivos podem variar entre os seguintes:

Ansiedade

**Dificuldades
de acesso à
especialistas**

**Medo de não
ser ouvido(a)
ou validado(a)**

**Dificuldade
em descrever
características
do autismo**

**Falta de
condição
financeira**

**Falta de
confiança em
profissionais
da saúde**

**Estigmas
relacionados
ao autismo**

**Crença de que
o diagnóstico
não é importante**

**Estigmas
relacionados
ao sistema
de saúde**

Muitas vezes, familiares ou pessoas do convívio de alguém com



suspeitas de TEA também costumam levantar hipóteses a partir da identificação de atitudes ou comportamentos semelhantes àqueles presentes em pessoas com autismo. O problema disso é que as nossas percepções são passíveis de distorções e erros. Por isso, o ideal é que a avaliação seja feita sempre por um profissional, sem qualquer outro vínculo com o sujeito, que tenha uma visão imparcial da pessoa a ser avaliada (ABREU; CHIMURA, 2021).



INTERVENÇÕES POSSÍVEIS

As diversas formas de cuidado para a pessoa autista podem incluir terapias comportamentais, ocupacionais, de fala e de linguagem, acompanhamento terapêutico escolar, entre outros. É importante a **realização das práticas sob um olhar crítico**, com o objetivo de que não sejam mais adoecedoras do que terapêuticas, ou seja, que não causem mais sofrimento do que bem-estar ao sujeito.

O TEA não é uma doença. Faz parte da identidade e da forma de ser de uma pessoa. Trata-se de uma diferença humana que exige respeito, assim como outras, tais como diferenças de gênero, orientação sexual e raça (ORTEGA, 2009). Por isso, é necessário evitar práticas que busquem "corrigir", "normalizar" e "adestrar". Ao invés disso, é preciso promover o desenvolvimento e o bem-estar da pessoa autista, tendo em conta a sua singularidade.

INCLUSÃO

É comum que se pense na inclusão em termos de eliminação de barreiras arquitetônicas e estruturais, pois acredita-se na deficiência como condição restrita ao campo biológico. Entretanto, é importante que a deficiência não seja vista como um problema exclusivo dos deficientes, de seus familiares ou dos especialistas (SKLIAR, 1999).

Na realidade, a deficiência está relacionada com a própria ideia da normalidade que temos em nossa sociedade. Ou seja, **a incapacidade está numa sociedade construída e pensada para alguns e não para outros.**

Assim, para as escolas serem inclusivas **não basta que se coloque para dentro de seus muros uma ou outra criança diferente**, é necessário produzir mudanças profundas para introduzir a noção de diferença em seu funcionamento educativo (KUPFER, 2010).

Em autobiografias, alguns autistas dão pistas sobre como a inclusão do autista na escola poderia ser viável (BIALER, 2015).



Ido Kedar critica métodos de aprendizagem que se limitam ao ensino de atividades e habilidades básicas, como se eles não tivessem capacidades. Ele sugere que profissionais olhem para as habilidades das pessoas autistas, falantes ou não-falantes, como meios educativos.



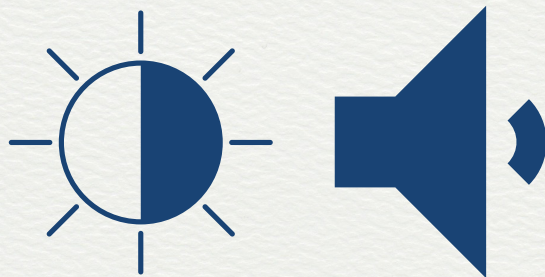
Donna Williams alerta para o risco de se avaliar a pessoa autista com sintomatologia de baixo-funcionamento como se ela tivesse déficit cognitivo. Ou seja, o que acontece é que, por a pessoa autista ter dificuldades em falar e interagir socialmente ou/e ter comportamentos repetitivos, profissionais interpretam que o sujeito não é capaz de pensar, que não pode ser inteligente e sensível.



Temple Grandin enfatiza que o educador da pessoa com TEA deve ser alguém que aposte no autista e que tenha uma posição gentilmente insistente. Esse educador deve propor algo de diferente a cada vez para estimular o desenvolvimento e a flexibilização do pensamento do sujeito.

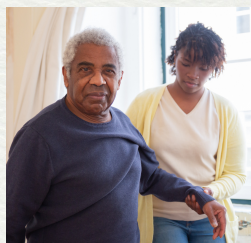
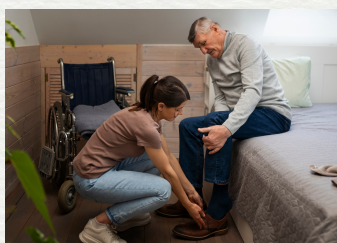
UM LUGAR NA ESCOLA: UM LUGAR NO MUNDO

Várias pessoas autistas enfatizam em suas autobiografias a questão da **hipersensibilidade sensorial**. É importante a escola respeitar esta forma diferente de processar as informações sensoriais e entender que a exposição a sons altos e alta luminosidade pode causar sofrimento para aquela criança ou adolescente. Assim, é necessário haver adaptações, como por exemplo: redução da luminosidade das salas de aula e uso de protetores de ouvido (BIALER, 2015).

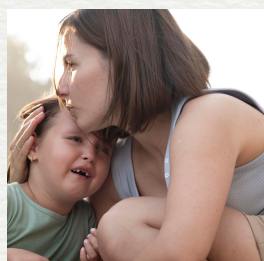
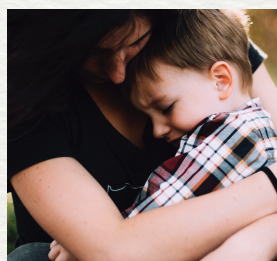
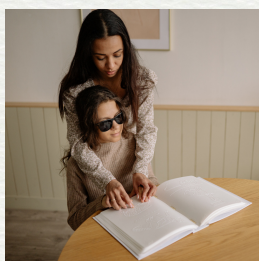
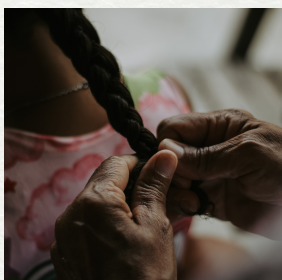


O CUIDADO E A INTERDEPENDÊNCIA

Ao longo da história, fomentou-se a ideia de que se as barreiras sociais fossem eliminadas as pessoas com deficiência seriam capazes de viver em plena autonomia e independência. Entretanto, Débora Diniz (2007) nos traz o conceito de interdependência para refletirmos sobre esse ideal. **A interdependência trata-se de condição inevitável na vida em sociedade, não se restringindo aos deficientes.** Todos nós dependemos de outras pessoas para sobreviver. Em algumas fases da vida o grau de dependência pode ser aumentado ou reduzido.



O cuidado é fundamental para o bem-estar da pessoa com TEA. Em alguns casos, é crucial para a sua sobrevivência (DINIZ, 2007). Segundo a mesma autora, não podemos deixar de considerar a associação entre o cuidar e os papéis culturalmente femininos. Muitas mulheres exercem o cuidado de forma solitária, gerando sobrecarga e cansaço. Portanto, cabe a pergunta: Quem está cuidando de quem cuida? Essas mulheres cuidadoras necessitam de um olhar para o cuidado, necessitam ser cuidadas.



O AUTISMO PELOS AUTISTAS

A comunidade autista é composta por autistas, familiares e profissionais da saúde (ANDRADE;

NUNES, 2023). Entretanto, frequentemente, quando se fala de autismo, seja em artigos científicos, programas televisivos ou em outros meios de comunicação, as experiências de pessoas com TEA não são levadas em consideração. Na realidade, pouco se escuta a partir das vozes das pessoas autistas. Não que essas vozes não existam. Elas existem e falam. Mas, não são escutadas.





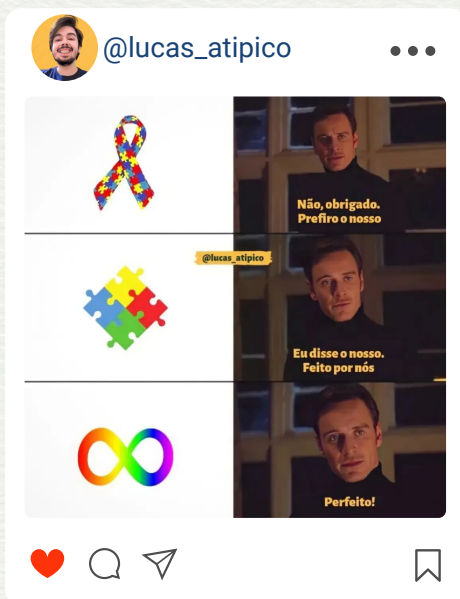
Ido Kedar, com sua mãe Tracy, escreve em seu iPad. “Quando criança, fiquei meio apavorado com a ideia de que minha vida seria assim para sempre”, escreveu ele certa vez. (Genaro Molina / Los Angeles Times)

Em sua autobiografia, Ido Kedar, um adolescente com TEA “não verbal”, escreve sobre a experiência de ter diversos especialistas desatentos em relação ao que as pessoas autistas têm a dizer. Ele comenta: **“era terrível ter experts falando um com o outro sobre mim, e ouvir eles errados nas suas observações e interpretações, mas não ser capaz de contar para eles”** (KEDAR, 2013, p. 47 apud BIALER, 2015).

É importante envolver e ouvir as vozes de pessoas autistas em todas as discussões e decisões relacionadas ao autismo.

Ou seja, na criação de políticas, no desenvolvimento de intervenções ou na elaboração de estratégias educacionais. A valorização dos sujeitos autistas é essencial para uma abordagem inclusiva e respeitosa.

A exemplo da importância de incluirmos as pessoas autistas nas propostas de intervenção sobre o TEA, mencionamos o símbolo geralmente utilizado quando se fala em autismo. Confira a publicação de Lucas Pontes em seu perfil na rede social Instagram:



→ Lucas Pontes

é um jovem autista e psicólogo engajado na luta pela inclusão das pessoas com TEA.

Ele chama a atenção para o símbolo geralmente utilizado para representar as pessoas com autismo.



O símbolo do quebra-cabeça e do anjo azul são popularmente reconhecidos como representações do autismo. No entanto, alguns autistas têm questionado o seu uso. Uma das mudanças almejadas por alguns autistas é a **substituição da cor azul pelas cores do arco-íris, com o objetivo de representar a diversidade** (PEREIRA; SOUTO, 2019) e as infinitas possibilidades de existências dentro do espectro.



A propósito, **a ideia de que há uma prevalência do autismo em pessoas do sexo masculino já foi refutada**, considerando-se o enviesamento desse dado, pois, ao difundir que autismo é frequentemente diagnosticado em meninos, dificulta-se o diagnóstico em meninas e isso se reflete diretamente na prevalência de diagnósticos em meninos.

Além disso, segundo Lucas Pontes (2023), a imagem da pessoa autista como um anjo contribui para a infantilização e a desumanização de sujeitos em sua singularidade.



Em outro momento, o jovem autista problematiza também o quebra-cabeça, contextualizando que em sua origem o símbolo foi criado para representar a "complexidade e o sofrimento que o autismo traz".

Assim, apresenta o símbolo da neurodiversidade como um símbolo que o representa, do mesmo modo que representa outros autistas envolvidos na luta pelo respeito e pela inclusão de pessoas com TEA. O símbolo apresentado foi criado por pessoas neurodivergentes como uma resposta a outros símbolos já existentes. Confira:





Lucas Pontes


Psicólogo e editor da revista Neurodiversidade. É diagnosticado com TEA e fala sobre diversos assuntos em seu perfil, não somente sobre suas experiências enquanto autista.

 @lucas_atipico



Gabriela Guedes

Ela é jornalista, é mãe, empreendedora e da periferia. Fala sobre Maternidade Atípica, Empoderamento e Autismo e mais.

 @souatipicapreta



Jéssica Borges

Ela é profissional da Inclusão, palestrante e educadora. É mãe de um menino autista. Fala sobre Direitos Humanos, Anticapacitismo e mais.

 @soujessicaborges



Fábio Sousa

Conhecido como Tio Faso, é designer e pai de um menino autista. É ativista ativo e compartilha sua história de ter recebido seu diagnóstico com 36 anos.

 @seeufalarnaosaidireito

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este material foi produzido com o objetivo de conscientizar a população acerca de um tema que tem sido amplamente divulgado. É de fundamental importância compreendermos que o TEA é uma variação natural da neurodiversidade humana, e que as pessoas autistas possuem habilidades e potencialidades.

A conscientização adequada sobre o autismo requer o respeito às vozes dos autistas, a crítica reflexiva sobre as intervenções disponíveis e o compromisso com a construção de uma sociedade inclusiva e acolhedora. Afinal, são as pessoas com TEA que vivenciam diariamente essa condição de existência.

REFERÊNCIAS

ABREU, T; CHIMURA, W. **INTROVERTENDO 169: AUTODIAGNÓSTICO DE AUTISMO**. Spotify: Superplayer & Co, 2021. Disponível em: <https://www.introvertendo.com.br/podcast/introvertendo-169-autodiagnostico-de-autismo/#:~:text=Identificar%20o%20pr%C3%B3prio%20autismo%20%C3%A9,antes%20de%20um%20diagn%C3%B3stico%20oficial>. Acesso em: 3 jun. 2023.

AMERICAN PSYCHIATRY ASSOCIATION. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental disorders** – DSM-5. 5th.ed. Washington: American Psychiatric Association, 2013.

ANDRADE, L. P; NUNES, N. V. **Autismo e o Sair do Espectro: (Im)possibilidades e Discussões**. Jornadas em Análise do Comportamento 1 – 2023, [s. l.], p. 12–24, 1 abr. 2023. Disponível em: <https://ibac.com.br/jornadas-ac/>. Acesso em: 3 jun. 2023.

BIALER, M. **A inclusão escolar nas autobiografias de autistas**. Psicologia Escolar e Educacional, v. 19, n. 3, p. 485–492, set. 2015.

DINIZ, D. 2007. **O que é deficiência**. São Paulo: Editora Brasiliense.
ORTEGA, F. Deficiência, autismo e neurodiversidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 14 n. 1, p. 67–77, 2009.

PEREIRA, A. K. M; SOUTO, V. T; **A cor do autismo e sua relevância na representação simbólica de mulheres**, p. 1403–1411 . In: Anais do 9º CIDI | Congresso Internacional de Design da Informação, edição 2019 e do 9º CONGIC | Congresso Nacional de Iniciação Científica em Design da Informação. São Paulo: Blucher, 2019.

PONTES, L. **O que não fazer no dia mundial de conscientização do autismo**. 31 de março de 2023. Instagram: @lucas_atípico. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CqjeEl6rrdA/>

SKLIAR, C. **A invenção e a exclusão da alteridade “deficiente” a partir dos significados da normalidade**. Educação & Realidade, 24(2), 12–28. 1999.

KUPFER, M. C. M. **A educação terapêutica: uma nova abordagem das relações entre psicanálise e educação**. Em M. C. M. Kupfer, & F. S. C. Noya Pinto, Lugar de vida, vinte anos depois: exercícios de educação terapêutica (pp. 259–279). São Paulo: Escuta/Fapesp. 2010.

ORTEGA, F. Deficiência, autismo e neurodiversidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 14 n. 1, p. 67–77, 2009.